

ELEIÇÕES

Sabatina do *Correio* abre espaço a presidenciais

Na terça-feira, eleitores terão a chance de ouvir as propostas de postulantes ao Planalto

» TAINÁ ANDRADE

Presença confirmada na sabatina do *Correio* com pré-candidatos à Presidência, a senadora Simone Tebet (MDB-MS) destacou a importância desses encontros para mostrar ao eleitor que há opções além do presidente Jair Bolsonaro (PL) e do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), líderes dos levantamentos sobre intenção de voto.

“Dada a polarização vigente no Brasil, as pesquisas indicam que a maior parte das pessoas define seu voto entre dois nomes e opta pelo candidato que considera ‘menos pior’”, destacou a senadora. “Não é assim que se faz uma democracia. Não é assim que se constrói o futuro de uma nação. Debates e sabatinas permitem que o eleitor conheça melhor os postulantes ao Planalto (ou pré-candidatos) e decida em quem votar com base em ideias concretas para o país”, enfatizou.

Tebet é um dos sete nomes já confirmados na sabatina, que ocorrerá durante a manhã e a tarde da próxima terça-feira, na sede do jornal. O evento será transmitido ao vivo pelo site e por todas as redes sociais do *Correio*.

Cada participante terá em torno de 50 minutos para responder perguntas sobre segurança pública, saúde, educação e economia no país. Os questionamentos serão formulados por jornalistas do *Correio* ou

Veja os horários dos debates



Sofia Manzano (PCB)
9h



Jair Bolsonaro (PL)
10h (a confirmar)



Vera Lúcia (PSTU)
11h



Ciro Gomes (PDT)
12h



Felipe D'Avila (Novo)
14h



Luciano Bivar (União Brasil)
15h (a confirmar)



André Janones (Avante)
16h



Luiz Inácio Lula da Silva (PT)
17h (a confirmar)



Pablo Marçal (Pros)
18h



Simone Tebet (MDB)
19h

enviados por leitores, por meio do site do jornal.

Equilíbrio

A dinâmica não ocorrerá como nos debates ao vivo, em que um pré-candidato poderá direcionar a pergunta para outro. Apenas os jornalistas conduzirão os questionamentos, e será fixado um tempo para a resposta.

Na avaliação de especialistas, esse formato é essencial para situar o eleitor sobre a visão de cada pré-candidato. “O debate ao vivo se volta para as frases de

efeito, para o ataque ao rival. Na sabatina, é mais alta a chance de fazer uma discussão mais aprofundada e equilibrada, de aumentar a transparência e a prestação de contas de cada candidato, em particular em temas que são importantes para o brasileiro neste momento”, ressaltou Maurício Santoro, cientista político e professor de relações internacionais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

Graziella Testa — professora da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e da Escola de Políticas Públicas e Governo (EPPG)

— destacou dois elementos que ajudam a construir a fundamentação para o eleitor escolher em quem votar: o plano de governo e as sabatinas ou debates. “Quanto mais bem informado para tomar a decisão, mais democrático é esse processo. O processo de democracia passa pela deliberação”, ressaltou. “Os gregos consideravam o direito à voz e à participação no debate tão importante quanto o voto. É fundamental para que haja essa troca. Vivemos em um momento em que o debate está muito enfraquecido”, acrescentou.

Bruno Batista/VPR



Resultado da eleição não será questionado com Exército na rua, diz vice

Dúvidas levantadas por militares foram classificadas no TSE, no começo do mês, como manifestação de “opinião”.

Terceira via

Na conversa com empresários, Mourão disse não acreditar na terceira via “porque não conquistamos o povão”. “A não ser que um milagre aconteça, mas nem eles conseguem se entender... Não vão passar de 4%, 5% dos votos. A disputa vai ser entre o ex-presidente Lula e Bolsonaro”, sustentou.

Mourão também deixou clara a decepção com o papel que

conseguiu desempenhar como vice de Bolsonaro. Ele disse que sempre buscou “ser proativo” para cooperar com o governo, principalmente nas questões internacionais. “O presidente criou muitos ruídos achando que eu estava querendo ultrapassá-lo, que eu queria o lugar dele ou coisas do tipo”, relatou.

Em razão desses “ruídos”, o vice contou ter tido, no fim de 2020, uma conversa reservada com Bolsonaro. “Sentei com ele e disse três coisas de forma direta: ‘Eu estou aqui para te ajudar, não quero o seu lugar e se não está satisfeito, eu renuncio amanhã.’”

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br

PSDB ainda nega apoio a Simone Tebet

Ao lado dos presidentes do MDB, Baleia Rossi (SP), e do Cidadania, Roberto Freire, a senadora Simone Tebet (MDB-MS) disse, ontem, que contará com apoio do PSDB para consolidar sua candidatura de “centro democrático”, como preferiu denominar a chamada terceira via. O presidente tucano, Bruno Araújo, grande artífice da retirada da candidatura do ex-governador João Dória, não participou da entrevista coletiva. Há tensões ainda no PSDB, embora o grupo responsável pela remoção de Dória da disputa, encabeçado pelo governador de São Paulo, Rodrigo Garcia, apoie Simone.

A Pesquisa CNN/RealTime Big Data para as eleições presidenciais, divulgada ontem, sem o nome de Dória entre os candidatos, foi um banho de água fria nas articulações internas da legenda a favor da emedebista. O levantamento mostra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com 40% das intenções de voto no primeiro turno, seguido pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), com 32%; e por Ciro Gomes (PDT), com 9%. Depois aparecem André Janones (Avante) e Simone Tebet (MDB), com 2%, e Luciano Bivar (União Brasil), com 1%.

Na pesquisa com todos os candidatos, Dória aparecia com 4%. Esses votos foram redistribuídos entre Lula (1%), Bolsonaro (1%), Ciro Gomes (1%) e Simone (1%). Não pontuaram os pré-candidatos Vera Lúcia (PSTU), Pablo Marçal (Pros), Sofia Manzano (PCB), Felipe d'Avila (Novo), Leonardo Péricles (UP) e José Maria Eymael (DC). Brancos ou nulos somam 9%. Os indecisos e os que não responderam são 5%. Foram ouvidos por telefone três mil pessoas entre segunda-feira (23) e a terça (24). A margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos.

Com esses números, a ala do PSDB que defende uma candidatura própria ganhou novo fôlego, com o argumento de que seria preciso aguardar mais algumas semanas para decidir os rumos da legenda, apesar das expectativas das cúpulas do MDB e do Cidadania de que o apoio a Simone Tebet se consolide logo. O adiamento dessa decisão reforça a percepção de que o objetivo principal da maioria dos deputados tucanos seria cuidar da própria reeleição e da manutenção dos governos estaduais, principalmente o de São Paulo.

O presidente do MDB, Baleia Rossi, é o grande patrono da candidatura de Simone, não apenas porque controla 20 dos 27 diretórios regionais do partido, mas porque também tem um papel importante nas eleições em São Paulo. O governador Rodrigo Garcia está numa situação difícil, em quarto lugar nas pesquisas, atrás de Fernando Haddad (PT), que lidera, Márcio França (PSB) e Tarcísio Freitas (Republicanos). Precisa do apoio do prefeito da capital, Ricardo Nunes (MDB), para garantir uma base de apoio robusta na maior metrópole do país. Sem isso, corre o risco de não ir sequer ao segundo turno.

São Paulo

Garcia é a principal âncora da candidatura de Tebet no PSDB, mas isso pode não se traduzir em intenções de votos. É o que as pesquisas estão mostrando. No momento, a prioridade dele é construir uma aliança pirata com Márcio França, que passou a ser o principal obstáculo para que chegue ao segundo turno. O ex-governador divide mais votos com o tucano do que com Haddad. Isso explica a razão de o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e de o próprio PT não se esforçarem para remover a candidatura de França ao Palácio dos Bandeirantes.

A situação é tão dramática que a eventual candidatura de França ao Senado, na chapa de Haddad e na aba do chapéu do vice de Lula, o ex-governador Geraldo Alckmin, já seria de grande serventia para Garcia, pois amplia as condições para que ultrapasse Freitas, o candidato de Bolsonaro, o que está sendo muito difícil. A verdade é que o xadrez eleitoral paulista continua sendo um vetor decisivo das articulações da terceira via, porém, não é a prioridade dos tucanos de São Paulo. A preocupação maior é manter o controle do Palácio dos Bandeirantes. Dória pagou por isso.

Em contrapartida, bem ao estilo dos caciques do MDB, a cúpula da legenda endossou a candidatura de Simone Tebet. Nem os que apoiam Lula, a maioria do Nordeste, nem os que estão defendendo a reeleição de Bolsonaro, no Sul do país, têm força para impor suas orientações ao partido. A candidatura de Simone se equilibra nessa igualdade dos contrários, numa sigla que tem tradição de cristianizar candidatos, como aconteceu com Ulysses Guimarães, em 1989; Orestes Quêrcia, em 1994; e Henrique Meirelles, em 2018.

Simone Tebet é uma novidade na disputa eleitoral, por seu perfil liberal progressista e por carregar a bandeira do empoderamento das mulheres, além de um olhar feminino sobre os problemas nacionais. Sobretudo a agenda dos direitos humanos e do combate à exclusão e às desigualdades sociais.

Mourão: “Não existe espaço para golpe”

O vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos), pré-candidato ao Senado pelo Rio Grande do Sul, afirmou que o resultado das eleições 2022 não será questionado com “o Exército na rua”. “Não existe espaço para um golpe. Quem diz isso está enlouquecendo”, frisou, em conversa, ontem, com empresários, gestores e assessores de investimentos na gestora RPS Capital, cujo relato foi obtido pelo *Estadão*.

Segundo Mourão, é bobagem questionar a integridade das urnas eletrônicas, como tem sido feito pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) e aliados, sem apresentar provas. “Com toda a minha sinceridade, sempre pode ter algum problema. Mas, desde que esse processo teve início (votação pela urna eletrônica), não teve fraude”, destacou. “Em um país que não guarda segredo, uma fraude já teria aparecido. É uma bobagem ficar alimentando isso aí.”

Ele defendeu, no entanto, a impressão do voto. “Qualquer pessoa quando vai ao banco pode tirar um extrato e conferir se foi aquela operação que fez. Qual seria o problema de acontecer

isso na eleição?” questionou.

O general disse ter conversado com o ministro Luís Roberto Barroso, que foi presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) até fevereiro deste ano, e que houve a sugestão de chamar as Forças Armadas para participar da Comissão de Transparência das Eleições. “Entre 90 e 100 engenheiros cibernéticos, que defendem o país de ataques hackers diariamente, produziram dois documentos. Um com mais de 400 observações, de caráter menor. E outro com nove aspectos que poderiam ser melhorados. Mas deram um grau de sigilo para todos, e o presidente (Bolsonaro) ficou pressionando para divulgar, mas o tribunal respondeu que não aceitava”, afirmou.

De acordo com Mourão, “o problema é que se coloca em discussão que as Forças Armadas estão intervindo, mas não”. “Criamos o relatório, fizemos o trabalho, e está encerrado o assunto. Próximo assunto das Forças Armadas é a distribuição das urnas e a segurança do processo eleitoral. É o que ela faz toda vez que acontece uma eleição”, ressaltou.

A maior rede de proteção social do Brasil também é obra do GDF.

760 MIL PESSOAS BENEFICIADAS.



Maria Julieta Ferreira
Frequentadora do Restaurante Comunitário de Ceilândia

